

---

## *EXISTÊNCIA E O ESPAÇO URBANO EM “TABACARIA” DE ÁLVARO DE CAMPOS*

---

### EXISTENCE AND THE URBAN SPACE IN "TABACARIA" BY ÁLVARO DE CAMPOS

Gustavo Costa<sup>26</sup>

**RESUMO:** “Tabacaria” é um poema de um dos heterônimos portugueses de Fernando Pessoa: Álvaro de Campos. Neste poema, o eu-lírico descreve sua visão do mundo através da janela de seu quarto, reportando seus pensamentos existenciais por meio do cenário urbano e do progresso da metrópole. Neste cenário, apresentam-se ruas, casas e a própria tabacaria, ao mesmo tempo que se exhibe o progresso urbano mediante imagens da modernidade como a presença descritiva de um comboio e de carros. Esta investigação tem como objetivo responder as seguintes perguntas: Como se relaciona a condição do eu-lírico como sujeito urbano às suas ações e juízos existenciais neste espaço social local? Quais simbolismos apresenta a janela em relação ao interior e ao exterior do espaço narrado no poema: a casa, a rua e seu eu-interior? Conectaremos o poema, principalmente, a teorias sobre o espaço, revelando o ambiente onde o eu-lírico pensa e age como um cenário urbano que exhibe a modernidade local. As reflexões do eu-poeta se relacionam com a cidade através da janela, que é a ponte que conecta seus dois mundos: o interior e o exterior.

**PALAVRAS- CHAVE:** Fernando Pessoa; Álvaro de Campos; Modernidade; Cidades; Existência

**ABSTRACT:** "Tabacaria" is a poem by one of the Portuguese heteronyms of Fernando Pessoa: Álvaro de Campos. In this poem, the poetic persona describes its vision of the world through the window of its room, reporting its existential thoughts through the urban scenery and the progress of the metropolis. In this scenario, streets, houses and the tobacco store itself are presented, while the urban progress is shown through images of modernity such as the descriptive presence of a train and cars. This research aims to answer the following questions: How is the condition of the lyrical self as an urban subject related to its actions and existential judgments in this local social space? What symbolism does the window present in relation to the interior and exterior of the space narrated in the poem: the house, the street and its innerself? We will connect the poem, mainly, with theories about space, revealing the environment where the lyrical self thinks and acts as an urban scenario that exhibits local modernity. The reflections of the self-poet relate to the city through the window, so this is the bridge that connects its two worlds: the interior and the exterior.

**KEYWORDS:** Fernando Pessoa; Álvaro de Campos; Modernity; Cities; Existence

Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.  
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,  
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,  
Vejo os cães que também existem,  
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,

---

<sup>26</sup> Doutorando em Espanhol, pela Texas Tech University - Estados Unidos. Mestre em Estudos Hispânicos, pela Stephen F. Austin State University - Estados Unidos. E-mail: [gustavo.costa@ttu.edu](mailto:gustavo.costa@ttu.edu)

E tudo isto é estrangeiro, como tudo. - Álvaro de Campos (PESSOA, 1928)

Álvaro de Campos, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, é um personagem urbano, sendo testemunha da modernização da cidade de Lisboa no início do século XX. Nasce no dia 15 de outubro de 1889, na cidade de Tavira. Torna-se engenheiro e logo, um escritor urbano. Neste ensaio, analisaremos, através do poema “Tabacaria”, a agonia e a crise existencial de Campos no espaço urbano onde o poema é narrado. Desde seu quarto, na grande cidade, transmite suas aflições e desesperanças ao mesmo tempo que passa a observar, através da janela, a rua, as pessoas que nela caminham e uma Tabacaria.

O espaço urbano presente no poema se conecta aos pensamentos inquietantes do poeta por meio de uma poesia existencial, emotiva, de um ser retraído que vive sozinho na cidade em busca do seu eu interior. Em relação aos poemas do autor “São muitos os poemas em que Álvaro de Campos aparenta isolar-se da realidade exterior, entediado com a vida comum e as pequenas preocupações do cotidiano, para se refugiar numa sucessão interminável de divagações” (*apud* REGO, 2009, p.3). O heterônimo de pessoa não encontra sentido nas mínimas situações da existência humana. Enquanto seus semelhantes vivem, ele, pouco a pouco, morre.

Em “Tabacaria”, apesar de percebermos o niilismo direto apresentado pelo poeta, não deixa de revelar o espaço e suas descrições, sendo este fundamental para tentarmos entender a ligação entre seus devaneios e o mundo urbano exterior, claramente, por meio do simbolismo da janela, que é o instrumento de conexão entre estes seus dois universos. Aplicaremos neste ensaio a crítica do espaço para que, logo, possamos observar a representação da cidade em relação ao estado de ânimo do eu-lírico. De acordo com Barthes “A cidade é um discurso, e este discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala com seus habitantes, nós falamos com nossa cidade, a cidade na qual nos encontramos, somente por habitá-la, percorrê-la, observá-la.” (2003, p. 260, tradução minha). O eu-lírico habita essa cidade e, desde o seu quarto, observa-a, escreve sobre ela. Ser um indivíduo deste meio não revela apenas o espaço onde a ação é mostrada, mas também este espaço sendo o tema primário da poesia por si própria, ou seja, é por meio do espaço desta cidade que se tem a relação entre os diversos tipos de pessoas, no que diz respeito à raça, educação, classe social, crenças, etc.

Álvaro de Campos inicia “Tabacaria” com pensamentos niilistas, uma vida sem sentido “Não sou nada/Nunca serei nada/Não posso querer ser nada” (PESSOA, 1928). Percebe-se, então, o tom melancólico e desacreditado do poeta. Começa a narrar o cenário onde observa a cidade desde o seu quarto “Janelas do meu quarto,/Do meu quarto de um dos milhões do mundo

que ninguém sabe quem é [...] / Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente / Para uma rua inacessível a todos os pensamentos[...]" (1928). Percebemos, neste trecho, a alienação do poeta à cidade, onde os seus pensamentos não são expressos, sendo desconhecidos por essas pessoas que na rua caminham, na multidão que não tem conhecimento de sua existência. Afirma que ele é um dos milhões de seres humanos que passam a vida no anonimato, sem ser notado por aqueles que percorrem as ruas de Lisboa diariamente.

Campos faz uso do lar para a criação de sua poesia, sendo a casa um espaço privado propício a pensamentos interiores. De acordo com Bachelard “[...] parece que a imagem da casa se torna a topografia do nosso íntimo [...] nossa alma é uma morada. E, lembrando-nos das “casas”, dos “apostos”, aprendemos a “morar’ em nós mesmos” (*apud* NESTOR, 2011, p. 13). De dentro de sua casa, ou melhor, de dentro de seu quarto o poeta reflete sobre sua vida ao mesmo tempo que observa o mundo exterior, neste espaço seus dois mundos se encontram, entretanto, sem que a fronteira seja cruzada através da janela, pois o poeta apenas observa a rua, não vai até ela “Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta / Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam, / Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam [...] / E tudo isso é estrangeiro, como tudo” (PESSOA, 1928). Deste modo, a janela faz o papel de ponte para o poeta “À janela - expediente de estar voltado para - indica a fórmula de como se capta as intensidades do ambiente - seja do outro, seja do exterior, seja do fora, seja do real, como se prefira nomear esse gesto simultâneo de estar em si e no mundo (estar dentro e estar fora)” (GOMES, 2009, p. 166). Pode-se observar, na descrição da rua e dos que caminham por elas, a dor irônica do poeta em sentir que na rua se vive, que é um mundo onde há um sentido de existência, mesmo com a percepção de que não pertence àquele lugar, denominando-o “estrangeiro”. Entretanto, Campos não consegue transmitir esse propósito a si mesmo. A janela mostra-lhe o exterior, o que o poeta pode alcançar se encorajar a sair de seu próprio mundo e resolver viver como aqueles que ele vê pela janela.

Nota-se que a modernidade da urbe, as pessoas que nas ruas caminham, este âmbito urbano cheio de vida não traz ao eu-lírico paz interior, já que ele continua “preso” em seu quarto, sem anseios de ultrapassar seus próprios limites. Chega a se confundir, a pensar se a realidade que descreve neste cenário urbano não é também um sonho, atribuindo esse pensamento à Tabacaria “Estou hoje dividido entre a lealdade que devo / À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora / E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro” (PESSOA, 1928). Portanto, o poeta sente uma conexão com a Tabacaria, tendo frequentado a em algum momento no passado, sente essa “lealdade” e estima este local e as pessoas que lá frequentavam. Nota-se, então, que o poeta quer voltar a essa Tabacaria, a sentir-se vivo como algum dia teria sido. Foi feliz,

tinha amigos, caminhava também pelas ruas de sua Lisboa. Sente saudade daquilo que lhe proporcionava prazer. Abaixo temos uma fotografia de uma das várias tabacarias da capital portuguesa nas primeiras décadas do século XX



Figura I: Tabacaria Estrela Polar (1919) - Lisboa/Portugal<sup>27</sup>

Segundo Lefebvre e sua dialética dos espaços “O espaço é um produto social, fruto das determinadas relações de produção que estão ocorrendo em um determinado momento [...]” (EZQUERRA, 2014, p. 123, tradução minha), por tanto, ainda que o poeta não interaja fisicamente com as pessoas da rua ou da própria Tabacaria, não deixa de estar inserido no meio social urbano dado que o fato de observar este cenário torna-o parte dele. Campos é parte deste meio. Não se atreve a cruzar o portal simbolizado pela janela de seu quarto.

O que escreve o poeta em “Tabacaria” mostra um ser descrente da vida e de seus próprios atos. Escreve seus versos, porém, não acredita neles “Essência musical dos meus versos inúteis, / Quem me dera encontrar-se como coisa que eu fizesse, / E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte, / Calçando aos pés a consciência de estar existindo [...]” (PESSOA, 1928). Não atribui nenhum valor à sua escrita, se autodeprecia. Menciona a Tabacaria sendo esta um local que o faz reflexionar sobre sua existência, já que saindo à janela via-a, entretanto, sem alterar seus pensamentos. Acabaria seguindo sendo esta imagem que, através da janela, fazia-o duvidar do que era real e do que era imaginação.

<sup>27</sup> Joshua Benoliel, in *AML*. Blog: Lisboa de antigamente. Disponível em: <http://lisboadeantigamente.blogspot.com>. Acesso em: 25 nov. 2017.

Os espaços de representação são para Lefebvre os espaços vividos (EZQUERRA, 2014, p. 124). Segundo o teórico, sobre o espaço de representação

É o *espaço experimentado* diretamente por seus habitantes e usuários através de uma complexa amálgama de símbolos e imagens. É um espaço que supera o espaço físico, já que as pessoas fazem um uso simbólico dos objetos que o compõe. Este é também um espaço evasivo já que a imaginação humana busca limpá-lo e apropriá-lo<sup>28</sup> (2014, p. 124, trad. minha).

Por conseguinte, em “Tabacaria”, percebemos o espaço de representação desses espaços físicos através do simbolismo da janela e da própria Tabacaria, porém igualmente, por meio dos pensamentos existenciais do poeta que se esquia do espaço real entrando em um espaço imaginado “Falhei em tudo. / Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada [...] Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei-de pensar? [...] Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou? Ser o que penso? Mas penso ser tantas coisas” (PESSOA, 1928). Nota-se então o sentido de derrota do eu-lírico, de não ter logrado o êxito, ao mesmo tempo percebe-se que o poeta e sente perdido, não sabe o que será de sua vida no futuro tampouco no momento atual, resta-lhe, então, pensar, logo, sua vida é uma eterna reflexão.

De acordo com Freitas “É importante salientar, porém, que o poeta possui uma visão “miope” da cidade, uma vez que ele se apropria somente de um pedaço de todo, ou seja, aproveita apenas o que lhe é conveniente” (2017, p. 21). Damo-nos conta disso no poema, dado que o entorno urbano descrito e sentido pelo poeta é somente o espaço onde descreve sua casa, a rua e a Tabacaria enfrente a ela. De acordo com a teoria Lefebvre no texto de Alvarenga e Santana

O espaço concebido se refere às representações do espaço, ou seja, aquelas dos cientistas, dos planejadores, dos urbanistas, dos “tecnocratas fragmentadores”, enfim, todos aqueles que perpetuam uma racionalidade do espaço dominante em determinada sociedade. Com seus signos elaborados, suas vias e suas soluções técnicas para a imposição de um cotidiano. (ALVARENGA; SANTANA, 2015, p. 9, trad. minha)

Campos expõe seu universo urbano neste entorno onde vive, neste cenário circular, de onde não pode sair, não somente sair do espaço físico que é seu quarto, mas também desse ambiente que se reduz ao entorno de sua casa. Este é o espaço concebido, aquele que é planejado

---

<sup>28</sup> Es el espacio experimentado directamente por sus habitantes y usuarios a través de una compleja amalgama de símbolos e imágenes. Es un espacio que supera al espacio físico, ya que la gente hace un uso simbólico de los objetos que lo componen. Este es también un espacio evasivo ya que la imaginación humana busca cambiarlo y apropiarlo (apud ALVARENGA; SANTANA, 2015, p.9).



urbanisticamente, onde se pode viver em sociedade. Neste caso, é o ambiente urbano onde está ubicada a residência do poeta, a Tabacaria, a rua observada por ele desde sua janela. Sua residência faz parte desse espaço concebido. Segundo Bachelard

[...] Quanto mais simples é a casa gravada, mas ela trabalha a minha imaginação de habitante. Ela não é apenas uma “representação”. Suas linhas são fortes. O abrigo é fortificante. Quer ser habitado simplesmente, com a grande segurança que a simplicidade proporciona. A casa gravada em mim revela o *sentido de cabana*, revivo nela *a força do olhar* [...] (*apud* NESTOR, 2011, p. 24, trad. minha).



Figura II: Rua Coelho da Rocha, n.º 16, 1.º Dto., em Lisboa, onde irá habitar com a mãe e os irmãos, e depois sozinho, até à sua morte. Atualmente é a «Casa Fernando Pessoa»<sup>29</sup>

Portanto, o espaço da casa é, para Campos, seu ambiente seguro. Nela pode refletir sobre sua existência sem que outros interfiram diretamente em seus pensamentos em relação ao que pensa sobre a humanidade. Seu mundo interior é inacessível ao mundo exterior, sendo sua casa, mas especificamente, seu quarto, o espaço que o protege não somente do que lhe é alheio, mas de si mesmo, de sua escrita existencial, de seus versos desesperançosos “Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei / A caligrafia rápida destes versos, / Pórtico partido para o Impossível” (PESSOA, 1928). O pessimismo em que Campo sem prega nessas linhas em “Tabacaria” mostra a um eu-lírico que não acredita no futuro, apesar de pensá-lo. Vive para pensar no que poderá ser, realizar. Entretanto, de antemão, julga seu próprio destino, presumindo-o “impossível”. Ao mesmo tempo, fala sobre seu passado e da incapacidade de ter mudado o rumo de sua vida “Fiz de mim o que não soube, / E o que podia fazer de mim não o fiz. / O dominó que vesti era errado. / Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me” (1928). Sejam os pensamentos do passado ou os do futuro, o poeta não encontra uma luz no fim do túnel que lhe proporcione

<sup>29</sup>Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/biografias/fernando-pessoa>. Acesso em: 25 nov. 2017

um caminho a seguir, um mundo exterior onde possa curar suas desilusões. Campos, porém, deseja realmente essa cura ou, de alguma maneira, o tormento o satisfaz? Nota-se nas palavras do poeta um tom de arrependimento. Não soube coordenar sua própria vida no passado, fez escolhas equivocadas, calou-se e desistiu de mudar e seguir um caminho que lhe poderia fazer com que sua vida fosse diferente. Entregou-se.

O eu-lírico, finalmente, conecta seu mundo interior com o exterior, ou traz o mundo exterior para o seu mundo interior. Descreve um indivíduo o qual associa com sua própria condição de um ser pessimista

Mas o dono da Tabacaria chegou à porta. / Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada [...] Ele morrerá e eu morrerei. / Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos. / A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também. / Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta, / E a língua em que foram escritos os versos” (1928).

Percebe-se no trecho acima que o espaço é fundamental nas ideias do poeta, ou seja, a tabuleta como objeto presente neste espaço que seguirá existindo no futuro, mas que um dia também deixará de existir, assim como a rua e a própria Tabacaria. Logo, o espaço físico desaparecerá, não sobrar nada, nem a língua em que o poeta escreveu seus versos, nem a existência humana, já que menciona que ambos morrerão, assim como desvanecerá o mundo “Morrerá depois o planeta girante e que tudo isso se deu” (1928). Consequentemente, demonstra que a existência não tem sentido, que apesar de pensar e observar o mundo desde sua janela, tudo acabará, seja seu mundo imaginário ou o exterior que considera real. Vemos abaixo um exemplo fotográfico de outra tabacaria da cidade de Lisboa no ano de 1910



Figura III: Tabacaria Costa (1910) - Lisboa/Portugal<sup>30</sup>

A relação do espaço é igualmente notado no final do poema com a exibição do que o poeta considera seu mundo exterior. Aparece entrando e saindo da Tabacaria o personagem Esteves, em seguida, observa-se o próprio dono da Tabacaria presente na porta de sua loja “ (O dono da Tabacaria chegou à porta)” (1928). A Tabacaria é, portanto, um espaço percebido. Sobre esta prática “Este é para Lefebvre o principal segredo do espaço de cada sociedade e está diretamente relacionado com a percepção que as pessoas têm dele a respeito de seu uso cotidiano: suas rotas de passeio, *os lugares de encontro...*” (EZQUERRA, 2014, p. 124, tradução minha). De acordo com Dimendberg “Inclui a produção material das necessidades da vida cotidiana [...] (apud EZQUERRA, 2014, p. 124, tradução. minha). A Tabacaria simboliza, por conseguinte, o espaço de relações sociais, uma prática de interação, que é observada de longe pelo eu-lírico, desde o seu quarto. Logo, a Tabacaria pode ser considerada “um lugar de encontro”, um espaço social que é observado e considerado pelo poeta como o mundo real. O único momento em que o poeta interage com esse mundo exterior é ao se comunicar com Esteves e com o dono da Tabacaria através de gestos e palavras “Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me. / Acenou-me adeus gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo / Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o dono da Tabacaria sorriu” (PESSOA, 1928). Assim, notamos o traspasso gesticulado de Campos ao se comunicar com esses personagens, uma interação entre seu mundo imaginário existencial com o mundo real. Entretanto, essa interação não muda o que o poeta sente, sua falta de esperança, seu viver por viver, seu isolamento.

Concluindo, é importante lembrar, no entanto, o verso do eu-lírico no começo do poema “À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo” (1928). Diz não ser nada, mas ao mesmo tempo, tem sonhos. Nota-se a dualidade nos versos do poeta, sua maneira confusa de pensar que pode confundir o próprio leitor. Percebe-se, ao decorrer do poema, que esses sonhos não existem, somente existe o pessimismo do poeta. Tanto o espaço vivido quanto o percebido, de acordo com a teoria de Lefebvre, se fazem presentes na obra, ora através dos simbolismos como a janela ora por meio da mínima comunicação social entre os personagens. Consideramos, então, que o espaço urbano é percebido pelo poeta através do símbolo da janela, que é o que faz com que ele enxergue o mundo citadino, porém, não participando dele. O quarto, a casa, a rua e a tabacaria formam o espaço urbano do poema. O eu-lírico é um elemento deste meio, porém sendo observador, e não

---

<sup>30</sup> Albertos Carlos Lima, *in AML*. Serões: Revista mensal ilustrada, p. 56, 1909. Disponível em: <http://lisboadeantigamente.blogspot.com>. Acesso em: 25 nov. 2017.



fisicamente atuante. Atua predominantemente em seu desprazer com a vida, no que não conseguiu ser e no que não conseguirá ser. Se afunda numa crise existencial. Enquanto existir a janela o poeta estará “protegido” do mundo exterior, podendo se comunicar com ele através da palavra e de sinais, sem sair de seu quarto que é seu porto seguro, porém continuará preso em seu mundo de desengano ao passar de seus dias.

## REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Manuela Mendonça de; SANTANA, Simão Bossi. *O conceito de produção do espaço no pensamento geográfico*. Disponível em: <[http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Teoriaymetodo/Pensamiento geografico/04.pdf](http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Teoriaymetodo/Pensamiento%20geografico/04.pdf)>. Acesso em: 28 nov. 2017.
- BARTHES, Roland. *La aventura semiológica*. Barcelona: Paidós, 2003.
- EZQUERRA, David Baringo. La tesis de la producción del espacio en Henri Lefebvre y sus críticos: Un enfoque a tomar en consideración. *Quid 16*, Buenos Aires, n. 3, p.119-135, 2014. Disponível em: <[publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/quid16/article/view/1133](http://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/quid16/article/view/1133)>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- FERNANDES, Geraldo Augusto. Fernando Pessoa, Cesário Verde. suas cidades. *Revista Desassossego*, São Paulo, v. 15, n. 8, p.102-115, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/105030>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- FREITAS, Sérgio Luiz Ferreira de. *Um oceano de máquinas - Cidade e genialidade em Álvaro de Campos*. 2017. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- GOMES, José Ney Costa. *Alma à Janela: Perfil intensivo de Álvaro de Campos*. 2009. 195 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana, Universidade de São Paulo - Usp, São Paulo, 2009.
- LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing, 2013.
- Lisboa de Antigamente*. Disponível em: <<http://lisboadeantigamente.blogspot.com/>>. Acesso em: 25 nov. 2017.
- MELLO, Janaina Cardoso de. Um flâneur transatlântico: O patrimônio cultural urbano lusitano na lente da literatura. *Raído*, Dourados, v. 20, n. 9, p.115-132, 2015. Disponível em:

<<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/4384>>. Acesso em: 15 nov. 2017. no. 20, 2015, pp. 115–132., [ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/4384](http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/4384).

NESTOR, Thiago. *Do mar a cidade: Uma viagem pelo presente nos poemas de Álvaro de Campos*. 2011. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

PESSOA, Fernando. *Tabacaria*. 1928. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/163>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

REGO, Adriano Eysen. “CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRAPLIP, 22., 2009, Salvador. *A Cidade em Álvaro de Campos: Um poeta da ausência*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011. 14 p.

WILLIAMS, Raymond. *El campo y la ciudad*. Buenos Aires: Paidós, 2001. Tradução de Alcira Bixio.

Recebido em 29/03/2018.

Aceito em 26/07/2018.